

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CURSO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
NÚCLEO TAKINAHAKY DE FORMAÇÃO SUPERIOR
INDÍGENA

A ARTE DA CERÂMICA DO POVO WAUJA

HUKAI WAURA

ALDEIA ULUPUWENE, MT
2018

HUKAI WAURA

A ARTE DA CERÂMICA DO POVO WAUJA

Projeto extra-escolar apresentado ao Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena como parte dos requisitos para a obtenção do título de licenciado em Educação Intercultural.

Orientadora: Lorena Dall'Ara Guimarães

Coorientadora: Katia Kopp

ALDEIA ULUPUWENE, MT

2018

Dedicatória

Dedico este trabalho para meus pais Awapataku Waurá e Pere Waurá, para a minha esposa Sapiya Tsimayu Waurá e aos meus filhos: Pere Tuyu Waurá, Pere Tsiyayu Waurá, Murilo Ayumari Waurá, Muri Pole Waurá, Ari Waurá, Ahusu Waurá e Kupato Kuma Waurá, e meu sogro Yakuwana Waura (*in memoriam*) e a minha sogra Kuweniru Waura também, que me apoiaram e acreditaram em mim durante a conclusão de meu estudo na Universidade Federal de Goiás.

Agradecimentos

Agradeço o senhor Yakuwana Waurá (*In memoriam*), historiador da comunidade da aldeia *Ulupuwene* e o senhor Kuratu Waurá, historiador e demais pessoas da comunidade, que prestaram as informações para a escrita do trabalho e tiveram muita paciência comigo durante minha pesquisa.

Agradeço as comunidades Waurá da aldeia *Piyulaga* e da aldeia *Ulupuwene* e a Escola Indígena Municipal *Ulupuwene* por permitirem o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço o ex-coordenador do curso de Educação Intercultural Carlos Bianchi, o professor Arthur Bispo e as professoras Lorena Dall'Ara e Katia Kopp que colaboraram com a correção do meu trabalho durante minha formação no ensino superior.



Alunos e professores da Escola Indígena Municipal *Ulupuwene*.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	2
3. JUSTIFICATIVA	3
4. METODOLOGIA	4
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	5
5.1. A ORIGEM HISTÓRICA DAS PANELAS PARA O POVO WAURÁ	5
5.2. ÉPOCA CERTA PARA A PRODUÇÃO DOS ARTESANATOS	11
5.3. USO DAS PANELAS DE BARRO E TIPOS DE PANELAS E DEMAIS CERÂMICAS PRODUZIDAS PELOS WAUJA	13
5.4. CONFECÇÃO DAS PANELAS ANTIGAMENTE E NOS DIAS ATUAIS	19
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS OU CONSULTORIA DE ESPECIALISTAS	30

1. INTRODUÇÃO

O povo Wauja é falante de uma língua pertencente à família Aruak e habita a Terra Indígena do Xingu, localizada na região Centro-Oeste, no Estado de Mato Grosso, com 2.790.491 hectares. A sociedade Wauja se divide em três aldeias: a maior é denominada aldeia Piyulaga, que fica à margem do Rio Batovi, no município de Gaúcha do Norte, na região do Alto Xingu, onde vivem cerca de 350 pessoas; a outra aldeia se chama *Ulupuwene*, situada no Rio Batovi/*Ulupuwene*, no município de Gaúcha do Norte, na região sul do Alto Xingu e têm 85 habitantes; a terceira aldeia se chama *Piyulewene* e está localizada à margem do Rio Karl Von den Steinen, que fica no município de Feliz Natal e tem aproximadamente 30 pessoas, na região do Médio Xingu.

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo fazer um levantamento e um estudo da cerâmica do povo Wauja. Nesta pesquisa foram estudados os diferentes objetos de cerâmica que fazem parte da cultura material do povo Wauja, que são produzidos por eles mesmos. Esta pesquisa foi realizada através da Universidade Federal de Goiás (UFG) e foi desenvolvida por mim, Hukai Waura, aluno do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena.

Através deste projeto de pesquisa pretendi registrar quem são as pessoas que sabem fazer panelas e também os diferentes tipos de panelas e de objetos de cerâmica que existem nas aldeias. Este trabalho pretendeu estimular a comunidade Wauja a reconhecer e valorizar aquelas pessoas que sabem fazer panelas bonitas, de diferentes tipos e tamanhos, para que essas(es) especialistas sejam procuradas(os) por todas as pessoas que querem aprender a trabalhar com cerâmica e aprofundar seu conhecimento sobre a cultura Wauja.

A pesquisa buscou contemplar o conhecimento sobre as diferentes matérias-primas que são utilizadas na confecção da cerâmica. Com a participação dos especialistas do povo Wauja foram feitas visitas aos locais onde estão os recursos naturais usados na produção da cerâmica. Também foi realizado um trabalho de pesquisa e registro das histórias tradicionais do povo Wauja relacionadas à confecção da cerâmica e aos tipos de grafismo que são usados na pintura das panelas.

Esta pesquisa também acompanhou e registrou como se dá o processo de ensino e aprendizagem da confecção da cerâmica entre o povo Wauja e como as(os) professoras(es), ceramistas indígenas tradicionais desenvolvem e ensinam os aprendizes da arte da cerâmica no dia a dia.

Eu registrei esses conhecimentos porque não existe ainda nenhum trabalho escrito sobre o tema da arte da cerâmica e do processo de ensino-aprendizagem. Como sou professor indígena da aldeia tenho a oportunidade de pesquisar a história do artesanato do meu próprio povo e de registrar sua variedade e beleza.

O povo Wauja continua confeccionando e usando as suas próprias panelas, produzindo e valorizando diferentes tipos de cerâmica dos antepassados e ao mesmo tempo, criando novas formas e objetos. No entanto, o convívio do nosso povo com a população não-indígena das cidades do entorno e a influência da mídia, têm provocado mudanças culturais e de comportamento nos jovens, que deixam de se interessar pelo aprendizado da arte da cerâmica. Por este motivo, eu pretendo deixar registrado e documentado em materiais didáticos que serão usados na escola, a importância da arte da cerâmica, como fonte de conhecimento do meu povo, para que não seja esquecida futuramente e para estimular o interesse das crianças e jovens por esta arte.

O trabalho foi realizado na aldeia *Ulupuwene*, onde moro, e contei com a participação dos membros da comunidade na realização da pesquisa.

2. OBJETIVOS

- Conhecer e valorizar mais profundamente a arte da cerâmica do povo Wauja, que continua viva e presente no dia a dia da vida nas aldeias;

- Registrar e valorizar o conhecimento das(os) artesãs(os) sobre a confecção da cerâmica do povo Wauja;

- Conhecer as histórias de origem da produção de panela de barro com a colaboração dos anciões e dos(as) especialistas;

- Realizar expedições de coleta dos recursos naturais utilizados na confecção da cerâmica, com a presença das especialistas e dos jovens, para que eles conheçam os tipos de barro e todos os materiais necessários para o preparo da cerâmica;

- Desenvolver oficinas de confecção de cerâmica com os artesões para que eles ensinem os jovens;

- Reunir as(os) artesãs(os) e jovens para analisar a confecção da cerâmica no passado e na atualidade, refletindo sobre a permanência de modelos antigos de panelas e as inovações;

- Realizar conversas e entrevistas com as(os) artesãs (os) para explicar sobre a importância da cerâmica do ponto de vista cultural e para contar mitos do povo Wauja relacionados à arte da cerâmica;

- Desenvolver a pesquisa e o registro junto aos anciões sobre as histórias relacionadas à cerâmica.

3. JUSTIFICATIVA

Escolhi este tema da arte da cerâmica porque achei interessante registrar e documentar os conhecimentos que envolvem esta prática cultural, porque eu estou preocupado com o enfraquecimento desta arte dentro da comunidade Wauja. Antigamente tinha muitas pessoas que sabiam fazer panelas, mas hoje em dia algumas pessoas não estão se interessando mais por este conhecimento.

A arte da cerâmica é muito importante para o povo Wauja, por isso pretendo com esta pesquisa estimular os jovens a aprender, trabalhando esses conhecimentos também dentro da escola.

Eu pretendo, com esta pesquisa, conscientizar a comunidade da importância da valorização e preservação dos conhecimentos que envolvem a arte da cerâmica, como um aspecto cultural importante e valioso da identidade do povo Wauja.

A partir da pesquisa e do trabalho com o tema da cerâmica na escola, os jovens e as crianças poderão conhecer e identificar cada tipo de pintura usada nas panelas, aprender as histórias relacionadas à cerâmica e conhecer a localização geográfica dos lugares onde são encontradas as matérias-primas para a confecção das panelas.

No contexto das trocas rituais que envolvem as sociedades indígenas do Alto Xingu, a panela de cerâmica sempre foi uma especialidade do povo Waurá, que domina os conhecimentos necessários para confeccionar os diferentes tipos de panelas. A arte da cerâmica tem sido passada de geração em geração, garantindo assim, que essa prática cultural não se perca.

Espera-se que esta pesquisa contribua para a valorização da arte da cerâmica pelos jovens, pois sabemos que valorizar a cultura é importante, por isso é preciso que os jovens aprendam com os mais velhos, garantindo que as tradições e os valores que fazem parte da cultura do povo Waurá se mantenham vivos.

Este projeto foi trabalhado nas escolas indígenas, com a realização de oficinas práticas e posterior produção de um livro didático, para que os alunos pudessem descobrir a arte da

cerâmica, para que valorizem e se interessem em aprender a produzir cerâmica. Este trabalho registrou o conhecimento do povo Waurá, como grande proprietário da arte da produção de cerâmica.

Esta pesquisa também pretendeu promover o aprendizado dos mais jovens sobre a localização dos recursos naturais usados na produção da cerâmica.

O contato com os não-indígenas e o convívio com a população do entorno da Terra Indígena tem provocado várias mudanças culturais. Entre as mudanças, está a substituição das panelas de cerâmica tradicionais pelas panelas de alumínio industrializadas, assim como o desejo dos jovens e das crianças Wauja de aprender a língua portuguesa para ter um trabalho assalariado e comprar mercadorias da cidade.

Grande parte da população Wauja acredita que os conhecimentos indígenas não vão enfraquecer com o convívio com os não-índios. Porém, muitas pessoas não têm mais interesse em aprender e valorizar a confecção de artesanato tradicional. Esse desinteresse tem sido muito forte nas novas gerações, pois muitos jovens dizem que não querem aprender conhecimentos relacionados à tradição adquirida de nossos ancestrais.

Portanto, eu fiz esta pesquisa para registrar a sabedoria dos especialistas e anciões de nossa comunidade e para valorizar a identidade do povo Wauja, para que a arte da cerâmica esteja sempre viva na comunidade e que faça parte do currículo da nossa escola.

4. METODOLOGIA

Realizei várias reuniões com os membros da comunidade Wauja para conversar sobre a cerâmica. Foram organizadas oficinas com os anciões e os jovens para conhecer a localização geográfica dos recursos naturais que são usados como matéria-prima da cerâmica, onde os jovens aprenderam a utilizar esses recursos na produção de panelas. Nestas oficinas os anciões ensinaram os jovens a identificar cada tipo de matéria-prima utilizada na produção da cerâmica.

No espaço do centro da aldeia foram organizadas oficinas onde os jovens aprenderam com os anciões a preparar os recursos naturais usados como matéria-prima e a confeccionar as panelas. Os jovens também aprenderam com os especialistas a pintar as panelas, conhecendo os nomes e os diferentes tipos de grafismos usados.

No processo de desenvolvimento da pesquisa realizei várias reuniões para discutir a importância da arte da cerâmica para o povo Wauja. Foram identificados as(os) principais

especialistas da arte da cerâmica e realizadas entrevistas com elas(eles) para compreender sobre os diferentes tipos de panela e as diferenças de forma e tamanho.

Durante a realização da pesquisa também foram realizadas oficinas onde os anciões e anciãs contaram para os jovens as histórias relacionadas à arte da cerâmica, que foram registradas para compor o material didático sobre a cerâmica Wauja.

Além do registro escrito, também foram elaboradas ilustrações mostrando a variedade de panelas e dos padrões gráficos utilizados na pintura. A fotografia também foi utilizada no registro desta pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa panela de cerâmica pertence ao povo Wauja. Este povo sabe, realmente, fazer os diferentes tipos de panelas: grandes, médias e pequenas. Suas práticas têm sido passadas de geração em geração, garantindo que esse conhecimento se mantenha vivo na comunidade.

Assim, para que essa cultura não se perca é preciso que seja valorizada, principalmente pelos jovens. Sabemos que valorizar a cultura é importante, e isso vai muito além de contá-la, é preciso conhecer a sua importância para o povo. Uma forma consistente de manter viva essa tradição é através do repasse, para os mais jovens, das riquezas, das grandes belezas e valores herdados dos ancestrais.

Além disso, este projeto ficará registrado no papel, para ser trabalhado nas escolas como livro didático. O objetivo é que os alunos possam descobrir essa arte da cerâmica. É importante conhecer, para que valorizem e se interessem em aprender a produzir as belezas da cultura Wauja. Este trabalho registrou o conhecimento do povo Wauja como grandes ceramistas, e possuidores de grande conhecimento sobre a arte de fazer cerâmica.

5.1. A ORIGEM HISTÓRICA DAS PANELAS PARA O POVO WAURÁ

A origem histórica da panela de cerâmica está relacionada com a cobra chamada *Kamaluhai* (é o nome certo da cobra chamada de *Kamalupi*, isso significa que ela é dona do barro). *Kamaluhai* é a música das panelas. Essa cobra não era cobra comum, ela era *yeropohu* (ou seja, os ancestrais extra-humanos do povo Waurá). Há muito tempo atrás, a *Kamalupi* saiu de um lugar chamado *Kamukuwaká* (um lugar sagrado para o povo Waurá) (Figuras 1 e 2). Ela foi descendo o rio *Kamitatalu/Batoví* cheia de várias peças de panelas nas costas,

procurando um lugar fundo para morar, porque essa cobra é muito grande, não tem espaço para ele morar e ficar nesse riozinho, porque esse rio era muito raso para ela.



Figura 1. *Kamukuwaká*, local onde começou a história da panela para o povo Waurá.



Figura 2. Fazendo pesquisa no local da história *Kamukuwaká*. OBS: Em segundo plano o autor dessa pesquisa.

A cobra carregava, nas costas as panelas de vários tamanhos (Figura 3), por exemplo: *kamalupo* que é panela bem grande, *majatapo* que é um pouco grande, *mayaupe* que é panela média, *makula* que é um pouquinho maior, assim vinha diminuindo os tamanhos de cada panelinha até chegar na ponta do rabinho da cobra. As panelas grandes servem para fazer caldo de mandioca ou para produção de urucum também. As panelas médias são usadas para preparo de sal e para cozinhar os peixes grandes e as panelinhas pequenas são usadas

como pratos para colocar as comidas ou molho de pimenta. Essa cobra é muito grande formando como uma espécie de canoa e cheia de panelas de tipos diferentes.



Figura 3. Cobra *Kamaluhi* (ou *Kamalupi*) descendo o rio carregando as panelas sagradas para o povo Waurá.

Durante a descida do rio, as panelas cantavam com suas companheiras. A panela grande começa a cantar bem alto, a média responde meio fino e a panelinha canta muito fininho, dizendo assim:

- *Kamaluhai, kamaluhai, kamaluhai.*

- *Kamaluhai, kamaluhai, kamaluhai.*

- *Kamaluhai, kamaluhai, kamaluhai.*

-*Kamaluhai, kamaluhai, kamaluhai.*

- *Kamaluhai, kamaluhai, kamaluhai.*

- *Kamaluhai, kamaluhai, kamaluhai.*

- *Kamaluhai, kamaluhai, kamaluhai.*

-*Kamaluhai, kamaluhai, kamaluhai.*

Kamalu quer dizer barro preto, que serve para fazer as panelas. É o cocô das cobras. E *kamaluhai* é o nome da música delas. Por isso é que se chamam as cobras de *Kamaluhai*.

As cobras continuam descendo pelo rio, até chegar no lugar chamado *Tapakuya*. Elas tentaram afundar nesse local e não deu certo. Então elas só deixaram muito *kamalu* na margem e fundo do rio.

Seguindo viagem alcançaram o pequeno rio *Piyulewene*, afluente do rio Batovi, até chegarem no lugar chamado *Wakunuma*. Como esse rio se chama *Piyulewene*, a lagoa que ele forma foi chamada de Piyulaga. Nessa localidade o povo Waurá sempre passa e faz pescaria para festas. Por isso as *Kamaluhai* decidiram subir um pouco esse rio, para encontrar lugar para afundar seu cocô (*kamalu*) e seu *akukutai* (que é um espongiário de água doce, conhecido na literatura como cauíxi). Quando o *akukutai* é queimado e vira cinza é chamado de *akukupé*, que serve de antiplástico de *kamalu*.

Depois elas desceram novamente, chegando em outro lugar que se chama *Kamaluponá*. *Kamaluponá* fica pouco distante do encontro entre os rios Kuluene, Steinen e Batovi, onde se forma o rio Xingu. Nessa localidade elas afundaram um pouquinho, mas, agora, elas deixaram só as panelas que carregavam, pois não tinha sobrado barro. Por isso esse local foi chamado de *Kamaluponá*.

Depois continuaram a sua viagem pelo rio Batovi, até chegar no Rio Xingu. Aí elas tentaram afundar de novo e, de novo, não conseguiram, pois o rio ainda era muito raso.

As sagradas cobras *kamaluhai* vão seguindo pelo rio Xingu, alcançando outros rios, até chegarem no *Unipitsakala* (rios unidos com o mar). No *Unipitsakala* elas afundaram e

não voltaram mais. Foram embora no mar, porque o mar é mais fundo do que os rios e por isso elas conseguiram afundar.

Posteriormente, os antepassados do povo Wauja viram e descobriram que tem *kamaluno* no Rio Piyulewene, no local chamado de *Wakunuma*. Assim, o povo descobriu que lá tem recurso para fazer panelas e panelinhas, conforme as deixadas pelas cobras sagradas no outro local chamado *Kamaluponá*. Por isso as cobras sagradas deixaram o seu cocô nos rios, para o povo poder fazer panelinhas.

O povo aprendeu a realizar essa atividade de produzir panelas, que se tornou muito valiosa para o povo Wauja, reconhecido por todos os povos do Xingu como os melhores ceramistas. Desde então, os Wauja fazem muita *kamalupo*, *makula*, *makulatã*i, entre outras panelas na forma de bichos.

Além do *kamalu* (barro preto) tem outro material o *topepe* (barro vermelho) (Figura 4) que as *kamaluhai* não tinham e, por isso, não foram elas que deixaram no fundo do rio. Esse *topepe* é usado como pintura para deixar as panelas vermelhas e mais bonitas. Esta é uma pintura que é usada somente para as panelas de cerâmica, por isso é conhecido na literatura como banho ou engobo.



Figura 4. Topepe, barro vermelho usado para pintar as panelas.

A origem do topepe surgiu através das *Yamarikumã*, seres extra-humanos na forma de mulheres, que deixaram o barro vermelho no lugar certo para o povo Waurá. Por isso que hoje ainda se faz a festa das *Yamarikumã*, a festa das mulheres.

O topepe fica em um lugar muito distante da aldeia, que se chamava *topepeweké* (lugar de barro vermelho), no rio Batovi.

Topepe surgiu assim: todos os homens foram à pescaria num local chamado *Wakunumã* e as mulheres ficaram na aldeia, mais dois rapazes, chamados de *Kamatapira e Uleiyawa*, não foram junto com o resto dos homens na pescaria, porque estavam em reclusão. As mulheres então ficaram esperando os esposos, cantando e dançando no centro da aldeia, mas os homens não chegavam. Na verdade, eles não estavam mais vindo. As mulheres se uniram e mandaram esses dois jovens em reclusão ir ver o que estava acontecendo. Chegando no *Wakunumã* os jovens escutaram barulhos. Os homens da aldeia estavam fazendo roupas de bicho para ir matar as esposas. Os homens entregaram peixe para os rapazes levarem para as mulheres. Os jovens voltaram e contaram para as mulheres o que os seus esposos estavam fazendo.

Quando as mulheres descobriram o que os esposos estavam fazendo, decidiram cozinhar o peixe com muita fruta, para ficarem embriagadas. Elas queriam continuar a dançar e a cantar, para se distraírem até virarem bichos também. Essa foi a primeira grande festa de *Yamurikumã*.

Então as mulheres chamaram os rapazes *Kamatapira e Uleiyawa* no centro da aldeia e disseram para eles:

-*Kamatapira* você vai se transformar em tatu-canastra para cavar um caminho no solo para nós fugirmos, e *Uleiyawa* vai cantar conosco.

Assim, elas pediram para *Kamatapira* se deitar no chão e cobriram ele com *mujupa*, que é um tipo de cesto. Ele se transformou em tatu-canastra. Elas pediram para ele cavar na terra um caminho no fundo do solo, para que pudessem fugir dos homens que vinham matar elas.

Então, enquanto o homem-tatu canastra cavava o caminho no fundo do solo, as mulheres cantavam a música de *yamurikumã* e, dançando, iam entrando no solo.

Quando as mulheres já estavam muito alegres e distraídas, um dos filhos delas foi correndo no rio pegar canoa para avisar os homens que as mulheres estavam fugindo. Mas as mulheres foram entrando, dançando, cantando, se locomovendo até no fundo do solo, elas levaram somente as meninas junto com elas no colo. Os meninos elas colocaram no pilão para esperar os pais chegarem na aldeia. As *Yamurikumã* já estão no fundo do solo, cantando, dançando e se locomovendo. Os homens tentaram ir atrás delas, mas não conseguiram, porque elas deixaram animais perigosos como: aranha, cobra, maribondo e etc., na entrada do buraco para eles não alcançarem elas.

As *Yamurikumã* foram se locomovendo no solo até aparecerem no rio do Batovi. Aí as mulheres continuaram dançando e pintaram os corpos e se enfeitaram com o urucum. Em seguida seguiram viagem para o fundo da terra. Elas foram transformando esse urucum que usaram na pintura em *topepe*, uma pintura só para a cerâmica. Assim, os urucuns que deixaram para trás, se transformaram em barro vermelho. Por isso nesse local tem muito esse barro vermelho e ganhou o nome de *Topepeweke* (lugar de barro vermelho). Antes, esse local não tinha nome, as *Yamarikumã* deram origem a esse local.

Elas seguiram em direção aos rios unidos com mar, que nós chamamos de *Unupitsakala*, para aonde as cobras *kamaluha*i também foram. Assim surgiu a história do *topepe* para o povo Waurá.

Atualmente o povo Waurá continua produzindo as cerâmicas de muitas formas e, além disso, buscando *topepe* para pintar de vermelho essas panelas. Assim é a origem da panela de cerâmica de barro para o povo Waurá.

5.2.ÉPOCA CERTA PARA A PRODUÇÃO DOS ARTESANATOS

A produção de cerâmica de barro tem época certa para fazer e tem época certa para preparar a receita de mistura de cinza com barro, para não rachar as panelas. No mês de agosto as pessoas começam a tirar material que se chama *akukutai* (Figura 5) e *kamalu* (barro preto) (Figuras 6 e 7), que fica no fundo do rio. Por isso, é sempre coletado no mês de agosto, porque o rio não está cheio nessa época e fica mais fácil de ir buscar o barro no fundo. Em período muito chuvoso, o povo não confecciona as panelas porque as matérias-primas estão no fundo do rio e o rio está muito cheio.



Figura 5. *Akukutai* (caixi), espongiário de água doce usado no processo de confecção das panelas.



Figura 6. Local de onde é retirado o *kamalu* (barro preto) que serve para fazer as panelas.



Figura 7. *Kamalu* (barro preto) usado para fazer as panelas.

No tempo da seca, primeiramente o povo busca *akukutai* na margem desse rio *Piyulewene*. *Akukutai* é um espongiário de água doce que fica grudado nos caules das árvores nativas que são submergidas durante a época das cheias. Por isso, no mês agosto é mais fácil de encontrar e coletar as matérias-primas que são necessárias para fazer as panelas de cerâmica que utilizamos durante o ano inteiro. Os Wauja juntam esse *akukutai*, numa fogueira e queimam. Depois as pessoas buscam o barro para misturar com *akukupé* (cinza de *akukutai*). Isso é para as panelas não racharem quando ficarem secas e duras.

No período da seca, o povo faz muitas panelas. Fazer as panelas nesse tempo é muito mais fácil, porque as panelas ficam secas e prontas rapidamente. As pessoas deixam as panelas fora de casa para secar mais rápido, no sol quente, por isso que se aproveita os meses de agosto, setembro e outubro, enquanto o sol está muito quente, para se produzir muitas panelas.

Na época da chuva é muito difícil produzir as panelas, porque o tempo está nublado e fica difícil secar rapidamente as cerâmicas. Quando as cerâmicas não secam direito, acabam rachando.

5.3.USO DAS PANELAS DE BARRO E TIPOS DE PANELAS E DEMAIS CERÂMICAS PRODUZIDAS PELOS WAUJA

O povo Wauja produz as panelas porque elas são muito necessárias no dia a dia. Mas como o povo usa essas panelas de barro?

O povo Wauja usa essas panelas para cozinhar o caldo de mandioca, pequi, sal, peixes e etc (Figura 8). Também faz troca com outros povos que não sabem fazer panelas. Além disso, os Wauja pagam pajé e raizeiro para curar os irmãos ou parentes. Essas panelas são valiosas para nosso povo.

Atualmente estamos vendendo para os não-indígenas nas cidades. Assim, ganhamos algum dinheiro, o que permite que nossos filhos possam estudar na cidade ou fazer a faculdade. Antigamente não tinha isso, só existia troca dentro do Xingu, com outros povos indígenas.



Figura 8. Preparando e cozinhando caldo de mandioca.
Foto: Hukai Waura.

As Figuras 9 e 10 estão mostrando como estamos usando as panelas na nossa cultura. A Figura 9 mostra dos homens na festa. O dono da festa prepara a comida dentro da panela para oferecer para as pessoas que estão festejando. O peixe foi cozinhado na panela e o beiju feito no tacho de barro. Assim que é a utilização da cerâmica. A Figura 10 mostra as mulheres também na festa. O dono da festa prepara pimenta dentro da panelinha para dar as mulheres. A pimenta sempre é preparada nas panelinhas, mas dependendo da quantidade de pessoas aí muda o tamanho de panela utilizada.



Figura 9. Homens na festa comendo a comida preparada nas panelas. Foto: Harold Schultz.



Figura 10. Mulheres na festa comendo a comida com a pimenta que está na panelinha no centro da foto. Foto: Harold Schultz.

As Figuras 11 e 12 estão mostrando como a gente usa a panela para produzir o sal. A Figura 11 está mostrando como começa o processo de produção do sal natural. A primeira coisa a ser feita é colocar a cinza do aguapé (que foi queimado anteriormente) em um tipo de cesto que se chama Eyusi (esse cesto é tipo um coador de café), depois coloca a água e deixa por cinco minutos no cesto para coar. Após coar essa cinza é colocada em uma panela e colocada em cima do fogo para cozinhar até secar a água e se transformar em sal, como está mostrando na fotografia. Após secar o sal é tirado da panela e deixado no chão para secar e ficar branquinho, aí você pode comer o sal. Assim que a gente também usa as panelas.



Figura 11. Cesto (Eyusi) usado para coar a cinza do aguapé. Foto: Harold Schultz.



Figura 12. Sal sendo tirado da panela e colocado no chão para secar, ficar branquinho e pronto para o uso. Foto: Harold Schultz.

As Figuras 13, 14, 15 e 16 mostram o jeito de usar a panela para preparar o urucum. Primeiramente as pessoas buscam o urucum na roça e trazem para casa deles, começam a tirar as sementes de urucum, colocam na panela e jogam água na panela para amolecer as sementes de urucum (Figura 13). Isso leva um dia. No outro dia, dia pega outra panela e a peneira pra peneirar (Figura 14 e 15). Terminando de peneirar o urucum é colocado em cima da fogueira para cozinhar (Figura 16). Daí vai mexendo, vai mexendo até chegar no ponto de transformar o urucum, aí tira do fogo e deixa esfriar. Após isso, tira novamente o urucum da panela e coloca-se na cuia para secar ao sol. É assim que funciona o processo de fazer urucum. O urucum é feito na panela de barro; sempre assim cozinhado na panela. Atualmente o meu povo Wauja já está substituindo a panela de barro para produzir urucum pela panela de alumínio, acabando por deixar de usar sua panela tradicional.



Figura 13. Sementes de urucum sendo tiradas e colocadas na água para amolecer. Foto: Harold Schultz.



Figura 14. Urucum sendo peneirado. Foto: Harold Schultz.

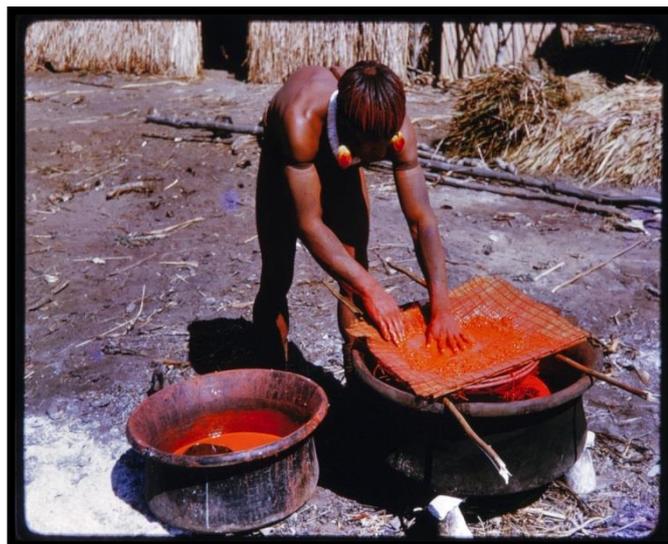


Figura 15. Urucum sendo peneirado. Foto: Harold Schultz.

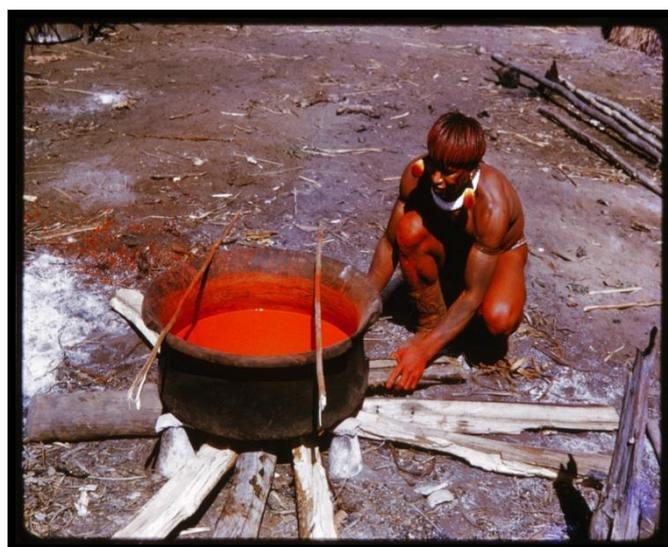


Figura 16. Urucum sendo colocado na fogueira para cozinhar. Foto: Harold Schultz.

O povo Wauja produz diversos tipos de panelas que são usadas para os mais diversos fins (Tabela 1). Também são produzidas panelas que possuem os formatos de animais encontrados nas aldeias (Tabela 2).

Tabela 1. Tipos de panelas produzidas pelos Wauja, seus usos e dimensões médias.

NOME DA PANELA	USOS	DIMENSÕES MÉDIAS
<i>Kamalupoweke</i>	Cozinhar caldo venenoso da mandioca; armazenar polvilho, farinha e água	90 a 115 cm
<i>Majatapo</i>	Cozinhar caldo venenoso da	80 a 95 cm

NOME DA PANELA	USOS	DIMENSÕES MÉDIAS
	mandioca; armazenar polvilho, farinha e água; espremer e lavar a massa da mandioca	
<i>Nukai</i>	Cozinhar caldo da mandioca, pequi e sementes de urucum	65 a 80 cm
<i>Kurisepo</i>	Cozinhar caldo venenoso da mandioca, espremer e lavar a massa da mandioca	65 a 80 cm.
<i>Nukatsāi</i>	Transportar a água na casa	55 a 60 cm
<i>Nukaitsāitsāi</i>	Armazenar e servir mingau	30 a 40 cm
<i>Makulaweke</i>	Cozinhar grandes quantidades de peixes para a comunidade comer no centro da aldeia	75a 85 cm
<i>Makulatapapuku</i>	Cozinhar peixe	70 a 75 cm
<i>Makulatapapukutāi</i>	Cozinhar peixe	65 a 70 cm
<i>Makula</i>	Cozinhar peixe	45 a 65 cm
<i>Makulatāi</i>	Panela pequena usada para comer peixe individualmente, normalmente pertence a homens adultos casados	20 a 45 cm
<i>Makulatāitsāis</i>	Panela muito pequena usada para comer peixe individualmente, normalmente pertence a crianças e pré-adolescentes	10 a 20 cm
<i>Hejeweke</i>	Torrar beijus muito grandes, em geral aqueles servidos durante a festa na aldeia	90 a 105 cm
<i>Hejeponapuku</i>	Torrar beiju grandes	80 a 90 cm
<i>Hejeponapukutāi</i>	Torrar beijus para unidades familiares de 10 a 12 pessoas	65 a 80 cm
<i>Hejahakaputāi</i>	Torrar beijus para unidades familiares de 07 a 9 pessoas	45 a 65 cm
<i>Hejetei</i>	Torrar beiju para pessoa comer individualmente	35 a 45 cm
<i>Mutsukuri</i>	Pote com tampa usada para armazenamento de água	35 a 40 cm
<i>Yanapo</i>	Panela usada no ritual de iniciação masculino (pohoka)	20 a 30 cm
<i>Munutai</i>	Bases de apoio para panelas torradores de beijus	Diâmetro: 10 a 16 cm; altura: 12 a 22 cm.
<i>Kehejuto</i>	Bases das kamalupo e dos torradores de beijus quebrados usados na montagem dos fornos de casca de árvores para a queimar as cerâmicas.	Em geral, medem de 50 a 90 cm de comprimento

Tabela 2. Nome das panelas e animal que representam.

Nome da panela	Animal
<i>Awajatalukana</i>	Urubu
<i>Awakana</i>	Morcego

<i>Autukana</i>	Queixada
<i>Eyusixana</i>	Rã
<i>Ixehokana</i>	Capivara
<i>Iyumukana</i>	Mutum
<i>Kajujutokana</i>	Arara
<i>Kajutukalukana</i>	Sapo-cururu
<i>Kuhupojakana</i>	Gavião-real
<i>Kumesixana</i>	Beija-flor
<i>Malulakana</i>	Tatu-canastra
<i>Outalakana</i>	Onça-parda
<i>Pahokana</i>	Macaco-prego
<i>Sakalukana</i>	Papagaio
<i>Temekene</i>	Anta
<i>Ulupukana</i>	Urubu-rei
<i>Yakakana</i>	Jacaré
<i>Yalatukana</i>	Caranguejo
<i>Yanumakakana</i>	Onça-pintada
<i>YanumakaYalaki</i>	Onça preta
<i>Iyapukana</i>	Arraia
<i>Yutakana</i>	Veado
<i>Weukana</i>	Escaravelho
<i>Yupekena</i>	Tamanduá
<i>Ixukana</i>	Tracajá
<i>Ayuwekene</i>	Jabuti
<i>Akunakana</i>	Pássaro parecido com Gavião
<i>Mulutakana</i>	Cascudo
<i>Mayuwakana</i>	Parecido com Lagartixa
<i>Wajaixana</i>	Pacu pequeno
<i>Watapakana</i>	Pomba
<i>Kuyuwixana</i>	Jacu
<i>Kupatokana</i>	Peixe
<i>Mulukuhokana</i>	Coruja
<i>Kayuwepekene</i>	Parecido com aranha
<i>Itsakana</i>	Parecido com canoa
<i>Ulawaotapakana</i>	-
<i>Makula</i>	-

5.4.CONFEÇÃO DAS PANEAS ANTIGAMENTE E NOS DIAS ATUAIS

A Figura 17 mostra fotos antigas do grande cacique, pajé e ceramista Walakuyawa com sua esposa Itsulakumalu Waurá, mostrando como confeccionavam as panelas antigamente para eles usarem no dia a dia deles, na sua aldeia. Aqui eles usavam só material tradicional como, lixa do mato para lixar e concha para raspagem de panelas. Era só isso, tudo coisas naturais mesmo. A Figura 18 mostra como os ceramistas faziam vários tipos de panela, tacho e panelinhas. Essas fotos foram feitas por Harold Schultz que foi o primeiro norte-americano a fazer contato com povo Wauja em 1964, onde ele registrou essas imagens.



Figura 17. Cacique, pajé e ceramista Walakuyawa com sua esposa Itsulakumalu Waurá mostrando como confeccionar uma panela. Foto: Harold Schultz.

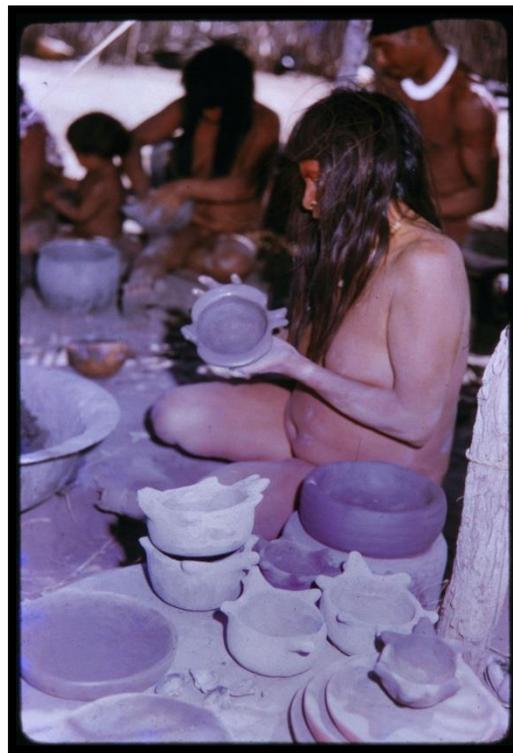


Figura 18. Ceramistas confeccionando diversos tipos de cerâmicas. Foto: Harold Schultz.

Conforme o tempo foi passando a gente veio conhecendo os materiais dos não índios aí a gente acaba substituindo os materiais tradicionais por esses objetos não indígenas, como por exemplo, a concha foi substituída pela colher ou tampa de lanterna e a lixa foi substituída

por lixa do branco. Assim a gente acaba esquecendo o que antigamente usavam nas confecções de panelas e a gente acaba mudando como era antigamente.

Na Figura 19 está mostrando como é a educação, repassando de geração para geração como confeccionar as panelas. A menina está acompanhando seu pai e aprendendo como é o processo de confeccionar as panelas, assim que a gente aprende as coisas na infância, só olhando e acompanhando como que produzir as panelas e fazendo as perguntas para seu pai. Agora ela já é grande ceramista também, ela tem esse conhecimento que seu pai tinha sobre o processo de confecção de cerâmica; todas as pessoas da família são grandes ceramistas, até as netas também já aprenderam fazer as cerâmicas.



Figura 19. Menina observando o seu pai confeccionado as panelas. Foto: Harold Schultz.

A Figura 20 está mostrando como vão ser queimadas as cerâmicas com casca de madeira seca, buscada na roça e cercada com *kehejuto* (pedaço de panela quebrada para formar como fosse um forno para queimar bem a cerâmica). Existem madeiras que a casca é muito boa para queimar as panelas, para não ficar mal feito a queimada. Por isso sempre é procurado a madeira que chamamos *walapa*. A casca dela é muito boa na queimação de cerâmica, pois não deixa a panela ficar preta. Segundo a explicação da ceramista a casca de *walapa* é muito fina e se queima totalmente, quando está queimando a panela, por isso que não fica grudando na cerâmica e não deixa marca preta na cerâmica. Outras madeiras a casca é mais grossa um pouco, não queima facilmente, por isso acabam ficando grudando nas panelas e deixando marcas pretas nas panelinhas. Por isso que a ceramista sempre fala: "A cerâmica tem que ser queimada pela casca de *walapa* para ficar bem vermelha ou bem

branquinha; para quando você pintar com tinta natural, que é um líquido de árvore nativa misturado com carvão, ficar preto, deixar mais bonitas e bonitinhas suas panelas."



Figura 20. Cerâmica sendo queimada com casca de madeira seca chamada *walapa*. Foto: Harold Schultz.

A Figura 21 está mostrando como é o processo de queimação de panelas cercada com casca de madeira seca e pedaços de panelas quebradas ou pedaços de tacho quebrados também. É sempre assim a queimação de cerâmicas.



Figura 21. Processo de queimação das cerâmicas.
Foto: Harold Schultz.

Nas Figuras 22 e 23 podemos ver como fazem com as panelas depois que queimam. Nas duas fotos as famílias estão reunidas aprendendo como pintar as cerâmicas; os pais estão ensinando seus filhos.

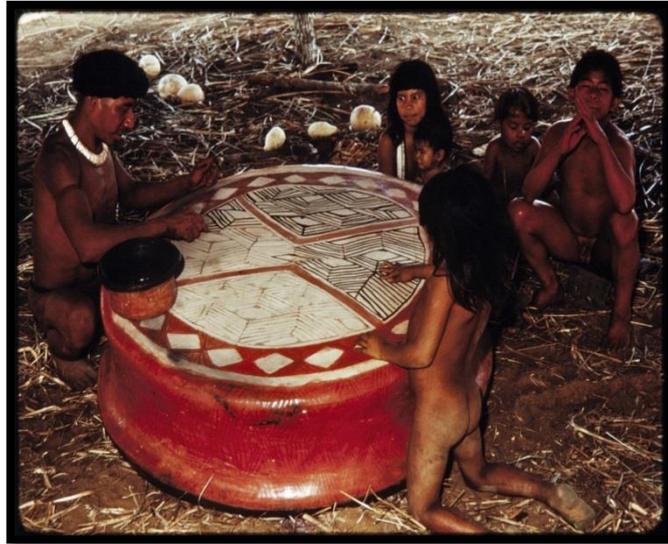


Figura 22. Pai ensinando os filhos a pintar as cerâmicas. Foto: Harold Schultz.



Figura 23. Mãe e filho olhando o pai pintar a cerâmica. Foto: Harold Schultz.

As figuras seguintes (Figuras 24, 25, 26, 27 e 28) estão mostrando como é a finalização da pintura das panelas e também está mostrando as pinturas diferentes que são usadas nas panelas. Isso não significa que já está pronta para usá-la, ainda tem mais um processo para fazer. Quando terminar de pintar tem que passar *mawātá* (Figura 29),

misturada com carvão, dentro da panela. Assim termina o processo de fabricação. Depois disso está autorizado para uso estas cerâmicas.



Figura 24. Pinturas de peixes na panela. Foto: Harold Schultz.



Figura 25. Pinturas geométricas na panela. Foto: Harold Schultz.



Figura 26. Mais um desenho geométrico usado para pintar as panelas. Foto: Harold Schultz.



Figura 27. Processo de finalização da panela com pintura. Foto: Harold Schultz.



Figura 28. Panela pintada com figuras geométricas.
Foto: Harold Schultz.

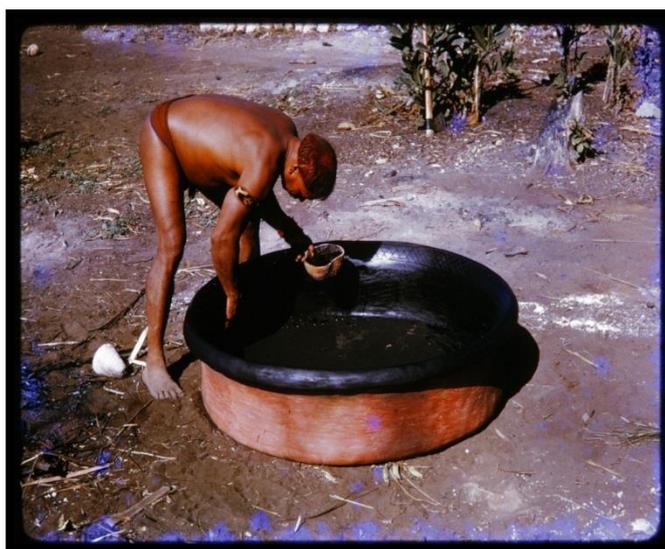


Figura 29. Processo de passar o *mawãtã*, misturada com carvão, dentro da panela. Foto: Harold Schultz.

As Figuras 30 à 34 mostram como o nosso povo faz as panelas atualmente dando continuidade à valorização do conhecimento das confecções das panelas de barro. É muito importante que esse conhecimento seja valorizado porque isso é a nossa identidade. A Figura 30 mostra como Yanuwa Waura está preparando o barro e misturando com esponja de água doce queimada que vira uma cinza e é usada para confeccionar a panela para que não rache quando for queimada. Ela é especialista em confecção das panelas; ela sabe fazer vários tamanhos de panelas.



Figura 30. Yanuwa Waura, especialista em confecção de panelas, misturando o barro com a cinza de esponja de água doce. Foto: Hukai Waura.

A Figura 31 está mostrando a artesã Takailu e esposo Kuratu Waura. Takailu é neta do senhor Walakuyawa que é grande ceramista que apareceu na primeira foto que foi registrada pelo senhor Harold Schultz. Ela também é especialista em cerâmica; os dois sabem confeccionar muito bem as cerâmicas, eles que contribuíram comigo para contar a origem de surgimento de panela para o povo Wauja.



Figura 31. Artesã Takailu e esposo Kuratu Waura confeccionando as panelas. Foto: Hukai Waura.

A Figura 32 está mostrando a também ceramista Kuweneru com sua filha Tsimayu Waura que possui 30 anos de idade. Elas também sabem muito bem confeccionar os vários tipos de cerâmicas. A mãe, Kuweneru é uma grande ceramista e agora ela já passou os conhecimentos para a sua filha. Elas estão praticando esse conhecimento. Isso significa que esse conhecimento está garantido nas gerações futuras e o nosso povo não vai perder esse conhecimento de como se faz as panelas.



Figura 32. A ceramista Kuweneru com sua filha Tsimayu Waura confeccionando as panelas. Foto: Hukai Waura.

A Figura 33 mostra o processo de confecção da panela. A panela está quase pronta. E a Figura 34 mostra o processo de queima das cerâmicas.



Figura 33. Processo de preparação da panela. Foto: Hukai Waura.



Figura 34. Processo de queimação das cerâmicas. a) forno feito de alumínio; b) forno feito de casca de árvores. Foto: Hukai Waura.

Agora através do meu estágio extraescolar percebi que a comunidade da aldeia *Ulupuwene* está preocupada com a perda do conhecimento da confecção das panelas e de seus usos. A comunidade entendeu a importância da valorização da produção das cerâmicas, porque nós usamos elas, vendemos e pagamos o pajé com elas também, por isso que é importante manter vivo essas sabedorias de conhecimentos tradicionais do povo Wauja. É importante também valorizar a confecção das cerâmicas para a gente vender e ganhar um dinheirinho para comprar algumas coisas não-indígenas que precisamos para fazer as nossas atividades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos este trabalho muito importante para o povo Wauja, o qual servirá como fonte de conhecimento para as novas gerações que virão futuramente. Acreditamos que no futuro esta pesquisa servirá como auxílio para os futuros historiadores, isto é, os futuros anciões e anciãs. Além disso, o trabalho servirá também como fonte de pesquisa para professores e alunos, pois pretendemos transformá-lo em material didático.

Nesse primeiro momento podemos dizer que os nossos objetivos iniciais foram alcançados, o que significa que esta pesquisa não está sendo encerrada aqui, queremos dar

continuidade a esse trabalho para aprofundar e compreender melhor sobre a importância da história sagrada na cultura Waurá.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa não tivemos dificuldade para realizá-la, com o apoio da comunidade da aldeia *Piyulaga* e da aldeia *Ulupuwene*. De forma especial, gostaria de agradecer o ancião e historiador senhor Yakunawa Waurá (*In memoriam*), ao Kuratu Waurá, e ao cacique pajé Elewoka Waurá, historiador e liderança da cultura tradicional da aldeia *Ulupuwene*, que gentilmente contribuíram narrando esta história para esta pesquisa.

Para concluir gostaríamos de falar da participação dos alunos das 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º séries da Escola Indígena Municipal *Ulupuwene* que colaboraram comigo, durante as atividades relacionadas à pesquisa na confecção dos desenhos e na realização das entrevistas com os anciões. A presença deles foi importantíssima.

As entrevistas foram realizadas em abril de 2014 na aldeia *Piyulaga* e na aldeia *Ulupuwene*.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS OU CONSULTORIA DE ESPECIALISTAS

Foram entrevistados os seguintes especialistas historiadores:

- Yakuwana Waurá, com 55 anos de idade, liderança da aldeia *Ulupuwene*;
- Kuratu Waurá, com 65 anos de idade, historiador e liderança da aldeia *Ululupuwene*;
- Elewoka pajé e cacique da aldeia *Ulupuwene*;
- Kumutu Waurá liderança da aldeia *Ulupuwene*;
- Amarita Waurá liderança;
- Kuweniru Waurá liderança.